



HIPODERMÓCLISE: UMA PRÁTICA A SER USADA NA EQUIPE DE ENFERMAGEM.

Maria Luiza Barbosa Batista ¹

Kenile Lopes Julião ²

José Ossian Souza Almeida Filho ³

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 1: TECNOLOGIAS, INOVAÇÕES E DESAFIOS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM

RESUMO

A hipodermóclise, conhecida também como terapia subcutânea, é uma técnica utilizada para fazer administração de fluidos e medicamentos no tecido subcutâneo. Ainda pouco conhecida no Brasil e pouco utilizada pela enfermagem, tal terapia é uma das alternativas a ser utilizada quando as vias de administração convencionais de medicamentos, tais como a oral, intramuscular e endovenosa, não estão mais acessíveis. O presente estudo tem por objetivo relatar a importância da hipodermóclise na prática da equipe de enfermagem. Esse trabalho é um estudo descritivo/revisão integrativa, cujas buscas foram realizadas nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde, empregando os seguintes descritores: hipodermóclise, enfermeiros e enfermagem. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos com temas sobre hipodermóclise e enfermagem, nos idiomas português e inglês, publicados e disponíveis eletronicamente e dos últimos dez anos. Foram excluídas publicações repetidas entre as bases, incompletos e com acesso pago. Nove artigos foram utilizados para o presente estudo. A hipodermóclise no Brasil é utilizada em pacientes com desidratação severa, idosos e em cuidados paliativos. Trata-se de uma técnica que pode ser utilizada tanto no ambiente hospitalar como domiciliar, cujos benefícios são: administração de medicamentos e fluidos, simples punção, fácil administração, baixa incidência de infecção, diminuição do desconforto do paciente entre outros. A enfermagem, como principal profissão que trabalha com administração de medicamentos, pode fazer da hipodermóclise mais uma ferramenta para auxiliar na prática do dia a dia, tendo em vista que técnica traz benefícios tanto para a equipe como para o paciente e sua família. Dessa forma, o conhecimento acerca desta é de fundamental importância. Devido à carência de estudos científicos, a hipodermóclise é pouco conhecida e utilizada, o que faz das capacitações acerca da mesma, a serem realizadas nos cursos da saúde e nas graduações, de grande importância, além da necessidade de novos estudos científicos sobre a temática.

1. Autora. Apresentadora. Graduanda do Sétimo Semestre do Centro Universitário Uniateneu. Fortaleza, Ce.

2. Enfermeira. Mestranda em Educação na Saúde – UECE. Coordenadora de Saúde da Secretaria de Proteção Social, Justiça, Mulheres e direitos humanos do Estado do Ceará – SPS, Fortaleza, Ce.

3. Orientador. Mestre em Bioquímica. Docente do Centro Universitário Uniateneu. Fortaleza, Ce. Brasil.

E-mail do autor: mlbarbosa39@gmail.com

INTRODUÇÃO

Descrita pela primeira vez em 1903, a hipodermóclise – também conhecida como terapia subcutânea – foi amplamente utilizada no âmbito hospitalar, ganhando destaque devido a benefícios como a possibilidade de evitar incômodos e dificuldades em relação à técnica de perfusão da terapia intravenosa (GOMES, *et al*, 2017). Em 1913, a técnica começou a ser utilizada em recém-nascidos e crianças; contudo, por conta dos graves eventos adversos decorrentes do seu uso inadequado, por volta de 1950 a técnica foi inutilizada (BRUNO, 2015; ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014). No final de 1960, na Inglaterra, o uso da referida técnica foi reavaliada, em virtude do surgimento dos cuidados paliativos, sendo readmitida como via de administração medicamentosa segura. Ainda na Inglaterra, no ano de 1979, a técnica foi utilizada em pacientes terminais para controle de êmese severa e obstrução intestinal (GOMES, *et al*, 2017; JUSTINO, *et al*, 2013). Mas, foi no ano de 1980 que a utilização da terapia subcutânea retornou à prática clínica, sendo aplicada a pacientes idosos e sob cuidados paliativos.

No Brasil, o número de publicações sobre hipodermóclise é muito pequeno; a cultura do uso da técnica está relacionada a doentes oncológicos, cuidados domiciliares e paliativos. A discussão sobre o tema requer novos estudos e publicações, relatando as experiências do cotidiano nos serviços (ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014; NUNES; SOUZA, 2016). Dentro das alternativas tecnológicas na área da saúde e no desenvolvimento da terapêutica oncológica e dos cuidados paliativos, a hipodermóclise vem sendo uma das terapias utilizadas para a administração de fluídos e medicamentos (JUSTINO, *et al*, 2013).

OBJETIVO

Relatar a importância da hipodermóclise como ferramenta de trabalho na prática da equipe de enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão integrativa, realizada em setembro de 2018 a março de 2019. Foram utilizadas as seguintes bases de dados:

Banco de Dados em Enfermagem (BDENF), *Campus Virtual de Saúde Pública (CVSP)* – Brasil, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), ColecionaSus e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), através do acervo da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para o levantamento dos dados foram utilizados como descritores: Hipodermóclise, Enfermeiros e Enfermagem, empregando o conector booleano AND. A busca inicial resultou em um total de 28 arquivos. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos que abordassem hipodermóclise e enfermagem, publicados e disponíveis eletronicamente, no idioma português e inglês, que apresentasse texto completo e dos últimos dez anos. Foram excluídas as publicações repetidas entre as bases de dados, incompletos e com acesso pago. Após a leitura dos títulos, resumos e aplicação dos critérios de seleção, foram selecionados 9 artigos para compor a amostra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definida como método de reposição de fluidos e administração de medicamentos por via subcutânea, a hipodermóclise é indicada quando a via oral e intravenosa não é adequada, principalmente em pacientes com desconforto gastrointestinal, com veias colapsadas e frágeis ou inexistência de acesso venoso periférico (VERAS, *et al*, 2014; TAKAKI; KLEIN, 2010). Estudos mostram que o uso desta terapia é descrito como método seguro, eficaz e de fácil acesso para tratamentos de desidratação leve e moderada, e para infusão de alguns medicamentos (CABAÑERO-MARTÍNEZ, *et al*, 2016; NUNES; SOUZA, 2016).

Os benefícios da hipodermóclise são descritos principalmente em idosos e pacientes em cuidado paliativos. Dentre estes, pode-se citar: desconforto do paciente, administração de medicamentos como dexametasona, morfina, atropina, tramadol, midazolam entre outros, baixa incidência de infecção, simples punção e fácil administração, infusão fisiológica, baixo custo, comodidade para os pacientes e familiares, boa aceitação entre pacientes e profissionais. Uma das principais vantagens da técnica é a sua permanência, podendo ser mantida por vários dias ou até mesmo semanas, sendo considerada uma via de escolha tanto no ambiente hospitalar, como em domicílio (JUSTINO, *et al*, 2013; CABAÑERO-MARTÍNEZ, *et al*, 2016; TAKAKI; KLEIN, 2010). Os efeitos adversos relacionados à técnica são raros;

porém, pode surgir calor no local, dor no local da punção, eritema e edema (VERAS, *et al*, 2014). A tela subcutânea ou hipoderme é uma das três camadas do tegumento comum, tendo como função principal o depósito nutritivo de reserva energética, isolante térmico e protetor mecânico, através do tecido adiposo, além da presença de glândulas, nervos, vasos linfáticos e sanguíneos. Com isso, medicamentos e fluidos administrados neste local são absorvidos por meio de difusão capilar, através da ação hidrostática e osmótica, e transportados à microcirculação (BRUNO, 2015; GOMES, *et al*, 2017).

Em relação à farmacocinética, os níveis plasmáticos são equivalentes aos alcançados com administração endovenosa, intramuscular, oral, sublingual e retal. A quantidade da dose dos medicamentos administrados pela via endovenosa são as mesmas administradas na via subcutânea; porém, a ação do fármaco vai ter início de 15 a 30 minutos, igual na via oral (ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014; GOMES, *et al*, 2017). Para aplicação da técnica é necessária a utilização do álcool, seringa, um scalp ou jelco de numeração 25-27, luvas de procedimento, esparadrapo (sendo mais indicado a fita adesiva para observação do local), equipamento para administração de fluidos contínuos e o medicamento. Em indivíduos magros o ângulo da agulha recomendada é de 30°; em pessoas obesas, ângulo de 90°; já em indivíduos considerados normais, ângulo de 45°. Estudos mostram que a escolha do material, tamanho da agulha e angulação a ser usada deve levar em consideração o perfil do paciente, principalmente em relação ao peso corporal (ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014). Locais recomendados para punção são: região anterior do tórax, região abdominal, face anterior e lateral das coxas e região escapular (BRUNO, 2015).

A hipodermoclise requer alguns cuidados, principalmente em relação à velocidade de infusão e volume de fluidos. O volume apropriado por sítio de punção é 1000mL, sendo o volume total diário de 2000mL (CARDOSO; MORTOLA; ARRIEIRA, 2016). A enfermagem é a equipe responsável pela técnica de administração medicamentosa em todas as instituições de saúde, junto à implementação da terapêutica médica. Com isso, requer dos profissionais conhecimentos acerca dos medicamentos que estão sendo administrados quanto à ação, interações e efeitos adversos, bem como da anatomia e fisiologia do cliente, para que a técnica seja executada forma segura e eficaz.

Dessa forma, o enfermeiro tem grande responsabilidade na realização e manutenção da hipodermóclise, requerendo por parte do mesmo conhecimento e da capacidade de observação, avaliação e registros das informações encontradas durante o procedimento (TAKAKI; KLEIN, 2010). A equipe de enfermagem deve buscar conhecimento e habilidades que promovam, ao paciente e sua família, uma garantia de cuidados com qualidade e dignos (ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014). O conhecimento teórico e prático sobre o uso da terapia subcutânea contribui para a diminuição de traumas mecânicos, diminuição do estresse, dos riscos de infecção e das dores oriundas das punções repetitivas. Cabe à equipe de enfermagem relatar ao paciente sobre a técnica de administração subcutânea, orientar quanto aos benefícios e efeitos adversos da técnica, os locais e a técnica de aplicação, deixando o paciente a vontade para a escolha da melhor terapia (GOMES, *et al*, 2017; CARDOSO; MORTOLA; ARRIEIRA, 2016).

Vale ressaltar a importância do conhecimento do enfermeiro acerca da técnica e qual melhor momento esta deve ser utilizada, devendo o mesmo indicar a hipodermóclise quando as outras vias de administração de medicamentos não estiverem mais possibilitadas. Considerando que os riscos para administração da via subcutânea são mínimos, mesmo assim, cabe a atenção da equipe de enfermagem ao surgimento de edemas e reações locais; vale ressaltar que a técnica não é indicada para infusão rápida, nem para volume acima de 2000 ml (ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014; CARDOSO; MORTOLA; ARRIEIRA, 2016; BRUNO, 2015; VERAS, *et al*, 2014). O conhecimento da farmacologia é fundamental na prática do enfermeiro, principalmente no uso da hipodermóclise, pois este precisa estar atento a quais são os medicamentos que podem ser administrados nessa terapia. A hipodermóclise ainda é uma terapia pouco utilizada no Brasil. Poucos são os estudos brasileiros acerca dessa temática, apesar dessa ser a terapia mais utilizadas em pacientes idosos, em desidratação e em cuidados paliativos (VERAS, *et al*, 2014; ZIRONDE; MARZENINI; SOLER, 2014; CARDOSO; MORTOLA; ARRIEIRA, 2016). Apesar dos benefícios envolvidos na hipodermóclise estudos apontam que essa técnica ainda é pouco utilizada entre os profissionais da enfermagem, sendo um dos principais motivos a falta de capacitação dos profissionais sobre a técnica (TAKAKI; KLEIN, 2010; GOMES, *et al*, 2017).

CONCLUSÃO

Em seu ambiente de trabalho o enfermeiro, bem como a equipe de enfermagem, utiliza várias ferramentas para promover ao paciente conforto e qualidade de vida. Nesse sentido, o uso da hipodermóclise apresenta benefícios para a equipe por ser um método seguro e de fácil acesso, em que os riscos de reações adversas são mínimos. A terapia também traz benefícios para o paciente e sua família, proporcionando menos desconforto e mais autonomia.

Dessa forma, é fundamental o conhecimento sobre a hipodermóclise na enfermagem, devendo essa terapia ser trabalhada principalmente nos cursos de graduações e capacitações dos profissionais da área. O enfermeiro, como gestor da equipe de enfermagem, que trabalha diretamente com paciente e que tem dentro de suas funções a responsabilidade com a administração de medicamentos, deve estar sempre atento a métodos que proporcionem à equipe um melhor atendimento ao paciente. Assim, o mesmo deve sempre estar em busca de atualizações, para que possa ser repassado e trabalhado dentro da equipe. Também devem ser realizadas mais pesquisas científicas sobre o uso da hipodermóclise, tanto no ambiente hospitalar como domiciliar, contribuindo para a disseminação do conhecimento sobre essa terapia.

O conhecimento da hipodermóclise pela equipe de enfermagem e a realização dos estudos científicos nessa temática contribuem para que outros profissionais possam ter acesso a esse método, favorecendo, assim, a utilização de mais uma técnica e que esta se torne uma ferramenta regular na prática da enfermagem, bem como na melhora do atendimento e na qualidade de vida do paciente.

REFERÊNCIAS

BRUNO, V. G. Hipodermóclise: revisão de literatura para auxiliar a prática clínica. **Einstein.**, v. 13, n. 1, p. 122-8, 2015.

CABAÑERO-MARTÍNEZ, M. J.; VELASCO-ÁLVAREZ, M. L.; RAMOS-PICHARDO, J. D.; MIRALLES, M. L. R.; VALLADARES, M. P.; CABRERO-GARCÍA, J.

Perceptions of health professionals on subcutaneous hydration in palliative care: a qualitative study. **Palliative Medicine.**, v. 30, n.6, p. 549-57, jun. 2016.

CARDOSO, D. H.; MORTOLA, L. A.; ARRIEIRA, I. C. O. Terapia subcutânea para pacientes em cuidados paliativos: a experiência de enfermeiras na atenção domiciliar. **J Nurs Health.**, v. 6, n. 2, p. 346-54, 2016.

GOMES, N. S.; SILVA, A. M. B.; ZAGO, L. B.; SILVA, E. C. L.; BARICHELO, E. Conhecimentos e práticas da enfermagem na administração de fluidos por via subcutânea. **Rev Bras Enferm.**, v. 70, n. 5, p. 1155-64. 2017.

JUSTINO, E. T.; TUOTO, F. S.; KALINKE, L. P.; MANTOVANI, M. F. Hipodermóclise em pacientes oncológicos sob cuidados paliativos. **Cogitare Enferm.**, v. 18, n. 1, p. 84-9, jan/mar. 2013.

NUNES, P. M. S. A.; SOUZA, R. C. S. Efeitos adversos da hipodermóclise em pacientes adultos: revisão integrativa. **Rev Min enferm.**, v. 20, p. 951, 2016.

TAKAKI, C. Y. I.; KLEIN, G. F. S. Hipodermóclise: o conhecimento do enfermeiro em unidade de internação. **Conscientiae Saúde.**, v.9, n.3, p. 486-496, 2010.

VERAS, G. L.; FAUSTINO, A. M.; REIS, P. E. D.; SIMINO, G. P. R.; VASQUES, C. I. Evidências clínicas no uso da hipodermóclise em pacientes oncológicos: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde.**, v. 05, p. 2877-93, 2014.

ZIRONDE, E. S.; MARZENINI, N. L.; SOLER, V. M. Hipodermóclise: redescoberta da via subcutânea no tratamento de indivíduos vulneráveis. **Cuidarte Enfermagem.**, v. 8, n. 1, p. 55-61, janeiro-junho. 2014.